CADERNOS MACAMBIRA

ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v. 11, n. especial, 2026. https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2202.
Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

ARTIGO / ARTICLE

JESUS E OS RITUAIS FÚNEBRES JUDAICOS

JESUS AND THE JEWISH FUNERAL RITUALS

Mariele Almeida Nonato[1]

[1]Mestre em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador. Email: franciscocouto2017@gmail.com.

Recebido: 04/05/2026 - **Revisado**: 18/05/2026 - **Aceito**: 01/09/2026 - **Publicado**: 30/09/2026

RESUMO: Este estudo explora os rituais fúnebres judaicos e sua possível conexão com a narrativa da morte de Jesus Cristo, destacando desvios em suas práticas de sepultamento, apesar de sua origem judaica. Também examina como os rituais que cercam a morte de Cristo são vivenciados por famílias cristãs contemporâneas no Brasil. É dada atenção especial à forma como os valores tradicionais celebrados durante a Páscoa – como amor, perdão, verdade, paciência, colaboração e purificação – influenciam as relações familiares. A pesquisa visa estabelecer como esses rituais foram incorporados aos costumes familiares brasileiros e seu impacto contínuo na sociedade contemporânea. A análise baseia-se na obra de autores como Rodrigo Palma, juntamente com estudiosos da teologia e das ciências sociais, para compreender o significado cultural e religioso das tradições da Páscoa.

Palavras-chave: Morte de Jesus. Tradições da Páscoa. Famílias cristãs brasileiras.

ABSTRACT: This study explores Jewish funeral rituals and their possible connection to the narrative of the death of Jesus Christ, highlighting deviations in their burial practices, despite their Jewish origins. It also examines how the rituals surrounding the death of Christ are experienced by contemporary Christian families in Brazil. Special attention is given to how traditional values celebrated during Easter – such as love, forgiveness, truth, patience, collaboration and purification – influence family relationships. The research aims to establish how these rituals have been incorporated into Brazilian family customs and their continued impact on contemporary society. The analysis draws on the work of authors such as Nazaré Rodrigo Palma (2011) together with scholars from theology and social sciences, to understand the cultural and religious significance of Easter traditions.

Keywords: Jesus death. Easter traditions. Brazilian Christian families.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este estudo explora os rituais fúnebres judaicos e sua possível conexão com a narrativa da morte de Jesus Cristo, destacando desvios em suas práticas de sepultamento, apesar de sua origem judaica. Também examina como os rituais que cercam a morte de Cristo são vivenciados por famílias cristãs contemporâneas no Brasil. É dada atenção especial à forma como os valores

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International

tradicionais celebrados durante a Páscoa – como amor, perdão, verdade, paciência, colaboração e purificação – influenciam as relações familiares.

METODOLOGIA

A pesquisa objetivou estabelecer como esses rituais foram incorporados aos costumes familiares brasileiros e seu impacto contínuo na sociedade contemporânea por meio de uma revisão bibliográfica. (Boas, 2018; Boff, 1997; Britannica. Dictionary of Philosophy and Religion; Casela, 2015; Cohn, 1980; Fernandes, 2025; Leigh, 2020; Lourenço, 2012).

Para tal, são descritos os rituais fúnebres judaicos cumpridos na morte de Jesus conforme as descrições bíblicas e os desvios relatados quanto a ele e os rituais ligados à Páscoa cristã e seus significados.

A análise baseou-se na obra de autores como Nazaré Jacobucci (2016), Rodrigo Palma (2011) juntamente com estudiosos da teologia e das ciências sociais, para compreender o significado cultural e religioso das tradições da Páscoa.

O ESTUDO

1. Os rituais fúnebres judaicos cumpridos na morte de jesus

Os ritos fúnebres na tradição judaica se alicerçam em dois princípios fundamentais: o *Kvod Hamet*, que significa “respeito ao morto”, e o *Kvod Hachaim*, o “respeito aos vivos”. O primeiro compreende um conjunto de práticas que asseguram a dignidade do falecido, desde o momento da morte até o sepultamento. Já o segundo visa amparar emocionalmente os enlutados, oferecendo-lhes apoio espiritual e comunitário. Juntos, esses preceitos revelam uma cosmovisão profundamente humana e compassiva, onde o luto não é apenas uma despedida, mas um ato sagrado de cuidado mútuo.

No Judaísmo, o sepultamento rápido — preferencialmente em até 24 horas — é uma demonstração de respeito à alma que parte, pois se acredita que ela precisa iniciar sua jornada espiritual sem demora, e que o corpo deve retornar à terra com brevidade (Iwanowska, 2024). Essa tradição remonta ao texto de Deuteronômio 21:23, onde está escrito: "certamente o enterrarás no mesmo dia".

No caso de Jesus, identificado nos Evangelhos como o "Rei dos Judeus", esse princípio foi rigorosamente observado. Como relata o Evangelho de João

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052202, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2202 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

(19:38-42), diante da iminência do Shabat e da celebração da Páscoa, José de Arimateia, com auxílio de Nicodemos, tomou providências imediatas para sepultar o corpo de Jesus. Por respeito a Jesus, à Lei e, também, à tradição que proíbe qualquer tipo de trabalho, inclusive tocar em mortos, entre o pôr-do-sol da sexta-feira e o pôr-do-sol do sábado (Êxodo 20:10; Levítico 23:32), o corpo foi colocado rapidamente em um túmulo próximo.

Além da velocidade do sepultamento, outro rito importante foi cumprido: o uso de vestes funerárias. Segundo a tradição judaica, todos os mortos devem ser vestidos com roupas brancas, simples, sem adornos, preferencialmente de linho e costuradas a mão — os *tachrichim* — simbolizando pureza, humildade e igualdade entre todos perante Deus (Iwanowska, 2024). O Evangelho de João (19:38-42) descreve que Jesus foi envolvido em “lençóis de linho nos quais haviam espalhado uma mistura de mirra e aloés”. Embora o *tachrichim* como prática padronizada só tenha sido instituído formalmente no século II d.C. pelo rabino Simeão ben Gamliel II, o ato de envolver Jesus em linho puro e perfumado já aponta para essa ação de reverência e igualdade diante da morte.

Outro rito cumprido ao redor da morte de Jesus foi o *shivá*, um dos pilares do *Kvod Hachaim*. O luto judaico tem início no momento do falecimento e pode se estender por até um ano, sendo dividido em fases, como o *shivá* (sete dias iniciais) e o *shloshim* (trinta dias) (Iwanowska, 2024). Durante o *shivá*, os familiares enlutados não devem sair de casa, pois se retiram do mundo exterior para viver plenamente o luto. Amigos, vizinhos e membros da comunidade se revezam em visitas à residência da família, levando alimentos, oferecendo orações e companhia constante. Uma das orações mais recitadas neste período é o *Kaddish*, que exalta a santidade de Deus e traz consolo aos corações partidos (Enciclopédia Britânica).

Os textos bíblicos reforçam esse amparo comunitário. Em João 19:25-27 e João 20:11-23, vemos que Maria, mãe de Jesus, não estava sozinha: Maria Madalena, Maria esposa de Clopas (tia de Jesus) e outros discípulos estiveram com ela em diversos momentos. Em Atos dos Apóstolos 1:12-14, também se destaca que Pedro e João, Tiago, André, Filipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão, o Zelador, e Judas, irmão de Tiago perseveravam “unanimemente em oração”, junto às mulheres e a Maria, a mãe do Senhor. Esse

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052202, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2202 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

acompanhamento solidário demonstra claramente a vivência do *Kvod Hachaim*, com a comunidade se organizando para amparar os enlutados.

Um gesto profundamente simbólico de Jesus, ainda na cruz, reforça esse compromisso com o cuidado dos vivos. Ao contemplar o sofrimento de sua mãe, Ele disse a João, o discípulo amado: “Mulher, eis aí o teu filho; filho, eis aí a tua mãe” (João 19:25-27). Mesmo em agonia, Ele se preocupou em garantir a ela um novo amparo, um filho substituto, ainda que parcial. Essa atitude sintetiza com clareza a essência do *Kvod Hachaim,* e o coração amoroso de Jesus.
Conforme a tradição, ao término do *shivá*, no oitavo dia, a família realiza uma caminhada simbólica, retornando lentamente à vida cotidiana. Em algumas comunidades, essa saída é marcada por uma refeição coletiva ou um serviço na sinagoga (Iwanowska, 2024). Porém, o luto continua por mais 30 dias — o *shloshim* — durante os quais os enlutados evitam festas, roupas novas e outras expressões de alegria.

Contudo, um detalhe chama a atenção na narrativa da ressurreição: no terceiro dia após a morte de Jesus, Maria, sua mãe, juntamente com outras mulheres, foi ao túmulo (Mateus 28:1-10). À luz da tradição, esse ato poderia ser visto como uma quebra do *shivá*. No entanto, o gesto parece movido por uma mistura de dor, saudade, desejo de ungir o corpo do filho, e principalmente, por fé. Fé nas palavras do próprio Jesus, que predisse sua morte e ressurreição: “seria entregue aos gentios, zombado, batido e morto, mas que ressuscitaria ao terceiro dia” (Mateus 20:17-19), e fé nas profecias declaradas antes mesmo do nascimento de Cristo, como a de Oséias 6:2: “Depois de dois dias nos dará a vida; ao terceiro dia nos ressuscitará, e viveremos diante dele” (Bíblia, 2023, p.1169).

Dessa forma, a atitude dessas mulheres pode ser compreendida não como desrespeito à tradição, mas como um testemunho de esperança nas promessas divinas. Elas “feriram” o *shivá*, mas foram também as primeiras a saber que Cristo, o Rei dos Judeus, feriu a morte - e a venceu. Ele cumpriu Sua palavra e ressuscitou. Assim, a suposta transgressão se transforma, paradoxalmente, no anúncio do cumprimento definitivo das Escrituras.

2. Desvios dos rituais funebres judaícos na morte de jesus

Nem todos os rituais judaícos foram compridos na morte do Rei dos Judeus. Algumas razões podem ser citadas para isso, como o fato de Ele ter sido crucificado, embora fosse inocente. Cristo foi morto como pecador, em morte de cruz, destinada aos piores malfeitores. De acordo com o pesquisador de direito religioso Rodrigo Palma “particularmente no caso de Jesus de Nazaré, a base legal para as condenações consistia numa violação à Lex Julia Majestatis” (2011, p.3). Também entendida como lesa-majestade, ou seja, ofensas contra o Estado romano e, posteriormente, contra o imperador, cujas penas podiam incluir pena de morte, exílio e confisco de bens. Essa lei romana regulamentava diversas ações consideradas crimes contra o Estado, como traição, conspiração, insubordinação militar, e até mesmo discursos ou escritos considerados subversivos. Entretanto o próprio governador romano, Pôncio Pilatos, após ouvir as acusações e testemunhos, e posteriormente interrogar Jesus, declarou que não encontrava nenhuma culpa nEle, lavando as mãos em sinal de inocência. Sob a declaração: “Estou inocente do sangue deste justo; isso é convosco." (Mateus 27:24)

Além da inocência de Jesus, alguns detalhes chamam a atenção, a exemplo da surpreendente agilidade da justiça romana. O Messias foi preso (sem ser em flagrante, sem um pedido de prisão preventiva, nem mesmo acusação formal havia), foi julgado, condenado e executado em menos de 24h. Parece que nunca antes e nunca depois de Jesus Cristo se deu um julgamento e execução tão rápida. Outro ponto que deve ser considerado é o fato desses episódios terem ocorrido no *Sefer* (dia festivo judaíco). Neste dia, os judeus e suas famílias ficavam em suas casas. Nas ruas não havia quase ninguém, a não ser leprosos e indigentes. E aí está uma das razões para a celeridade do julgamento de Cristo. O sumo sacerdote Caifás sabia que os senadores não eram a favor da prisão do Rei dos Judeus, só que eles estavam reclusos em suas cadas devido ao *sefer*. Portanto, se o julgamento acontecesse no período correto os senadores poderíam votar contra a prisão do Messias, o que arruinaria os planos de Caifás.

Outro detalhe impressionante é que, se lei houvesse sido cumprida a sentença contra Jesus deveria ser anulada por não haver coro sufiente no senado no momento da senteça. Sem contar que a *Halachá* (lei judaica) proibia que um membro da comunidade israelita fosse julgado durante um dia festivo e

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052202, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2202 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

santo, como o são os dias da Páscoa (Pessach) (Palma, 2011). Outra violação à tradição foi usar armas no Pessach, atitude veementemente proibida para os judeus nesse dia. Não obstante a toda essa irregularidade jurídica, Cristo foi condenado e morto.

Entretanto como Jesus foi crucificado, não foi possível cumprir à rigor a tradição com o corpo dEle. Essa situação implicou em alguns ritos de morte judaíco, no sepultamento de Jesus, dentre deles, o Tahara. De acordo com o rabino Telushkin:

> Tahara é o ritual de purificação e preparação do corpo do falecido antes do funeral. Essa prática é considerada uma obrigação sagrada, uma expressão de respeito e amor pelo falecido, e visa preparar uma pessoa para a próxima etapa de sua alma, de acordo com os ensinamentos judaicos. (Telushkin, 2019, p. 147).

Visto que, nos costumes judaicos tradicionais, o ritual de sepultamento é considerado uma *mitzvá* (obrigação religiosa) de grande importância. Essa preparação é realizada por um grupo de *Shamashim* (servos ou voluntários especializados), que lavam o corpo, vestem com roupas simples e mortuárias adequadas, e fazem o sepultamento de forma respeitosa e digna, preferencialmente no mesmo dia da morte, antes do pôr do sol, para cumprir com a lei de não deixar o corpo exposto durante a noite (Lv 21:1-4; Dt 21:23).

Segundo o rabino e especialista em liturgia funerária, Jacob Milgrom, essa prática é uma expressão de respeito e misericórdia para com o falecido, além de seguir as prescrições tradicionais transmitidas na Torá e na Oralidade judaica. A *Tahara* é uma cerimônia que assegura que o corpo seja tratado com dignidade, destacando a importância do corpo como uma coleção de *kavod* - glória ou respeito (Milgrom, 2000).

No entanto, no relato bíblico do sepultamento de Jesus, há indicações de que a preparação seguiu um procedimento relativamente rápido. Nos Evangelhos, especialmente em Lucas 23:50-54 e João 19:31-42, é mencionado que José de Arimateia, um discípulo secreto, pediu permissão a Pilatos para retirar o corpo de Jesus e posteriormente envolveu-o em um lençol limpo e o depositou em um túmulo novo. Não há menção explícita à realização do ritual completo de tahara, incluindo lavagem meticulosa do corpo, que era a prática padrão na tradição judaica.

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052202, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2202 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

Devido a isso, alguns estudiosos interpretam essa narrativa indicando que, por conta do contexto de crise e à proximidade da Páscoa, o sepultamento de Jesus foi realizado de forma rápida e simplificada, possivelmente omitindo alguns passos tradicionais, como a tahara, ou talvez tendo sido realizada de maneira informal. Além disso, a rapidez do sepultamento também pode estar relacionada às circunstâncias de injúria e ao clima de urgência que cercaram sua morte.

Certo é que, contrapondo a todas as circunstâncias inusitadas, a morte do messias já havia sido profetizada muito antes Dele nascer em carne, pelos profetas Isaias (700 a.C.)[1] e Daniel[2] (aproximadamente 500 a.C.). Já o livro de Salmos[3] relata que as vestes de Jesus seriam rasgadas, em seguida tirariam a sorte para ver quem ficaria com o tecido. Essa cena, descrita no livro dos Salmos de fato se cumpriu, tal feito foi registrado no Evangelho de Mateus 27:35 "E, havendo-o crucificado, repartiram entre si as suas vestes, lançando sortes; para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: Repartiram entre si as minhas vestes, e sobre a minha túnica lançaram sortes" (Bíblia, 2023, p. 1324). É notória a semelhança entre essa descrição do livro de Salmos e o rito judaíco Kria, no qual a família enlutada rasgas as suas vestes em sinal de dor. A tradição dos judeus de rasgar as vestes em sinal de luto, remonta ao temos bíblicos em que Jacó rasgou suas roupas em sinal de dor por causa da notícia da morte de seu filho José (Gênesis 37:34). Entretanto no caso de Jesus, as roupas rasgadas foram do morto e não da família enlutada.

3. A morte não tem a última palavra

Nessa perspectiva entra a páscoa, visto que os cristãos acreditam que a morte não estingue a vida, e não estinguiu a vida de Jesus. Pelo contrário o morrer é entrar na vida. Sengundo Jabucci (2023) os judeus veem a vida terrena como um *Prozdor*, como um corredor antes do mundo vindouro. Isso se cumpriu

[1] Mas ele foi traspassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa de nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados. [...] Ele foi oprimido e afligido; e, contudo, não abriu a sua boca; como um cordeiro, foi levado para o matadouro; [...] Com julgamento opressivo ele foi levado. (Isaías 53:5,7-8)
[2] E depois das sessenta e duas semanas *será morto* o Messias (Daniel 9:25).
[3] Dividiram as minhas roupas entre si, e tiraram sortes pelas minhas vestes (Salmos 22:18)

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052202, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2202 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

especialmente com relação ao Messias, pois a morte dEle trouxe vida a todos os que nEle creem.

Portanto as famílias cristãs celebram a Páscoa. A morte e ressuceição de Jesus, trouxe um novo significado ao Pessach. Agora se comemora, não apenas a libertação dos israelitas do cativeiro egipcio, como fazem os judeus tradicionais. Celebra-se a morte – libertação de todos os cristãos do cativeiro, e a ressureição – esperança da nossa ressureição, bem como da vida eterna ao lado de Cristo.

Segundo o teólogo Wright no livro Surpreendidos pela Esperança “a Páscoa é a celebração da ressurreição de Cristo, que revela o poder de Deus sobre a morte e oferece esperança de vida eterna a todos os crentes” (WRIGHT, 2008, p. 198). Para ele, a Páscoa não é apenas um evento histórico, mas uma renovação contínua da fé cristã na ressurreição de Jesus, que garante a libertação do pecado e da morte para todos os cristãos. Em consonancia ao sentimento de liberdade, o rabino Abraham Joshua Heschel no livro *O sábado*, informa que “a Páscoa é uma ocasião sagrada que lembra a libertação do povo de Israel da escravidão no Egito, simbolizando esperança e renovação espirituais” (Heschel, 1951, p. 68).

Então, desde a morte do Messias, ritual ressignificado da páscoa foi instaurado. Como também, passou a ser oficialmente celebrado pelas familias cristãs em todo o mundo. Não mais um ritual de morte, mas um ritual de celebração à vida por conta do sacrificio expiatório, da morte do Rei dos Judeus. Ritual esse que leva seus participantes a refletirem sobre a vida, o amor e em especial o perdão. Vale ressaltar que foi o próprio Messias quem recomendeu essa celebração em Lucas 22:14-20. Naquele momento Jesus ressignificou o símbolo do pão: “E, tomando um pão, havendo dado graças, o partiu e lhes deu, dizendo: Isto é o meu corpo oferecido por vós; fazei isto em memória de mim" (Bíblia, 2023, p. 1416). E também ressignificou o vinho, quando afirmou: Este é o cálice da nova aliança no meu sangue derramado em favor de vós.

4. O ritual da páscoa e seus significados

A Páscoa, para os cristãos, representa a celebração da ressurreição de Jesus Cristo, ocorrida três dias após sua crucificação, marcando a vitória definitiva sobre a morte. Esse momento central da fé cristã simboliza esperança,

renovação espiritual e a vitória da vida sobre a morte. A importância da Páscoa é aprofundada nos sete dias que a precede, conhecido como Semana Santa. A mesma funciona como um tempo de reflexão e preparação. Cada dia desse período possui seu significado específico: o Domingo de Ramos relembra a entrada triunfante de Jesus em Jerusalém; a Quinta-feira Santa recorda a Última Ceia, na qual Jesus instituiu a Eucaristia e demonstrou humildade ao lavar os pés de seus discípulos; a Sexta-feira Santa celebra a crucificação, sendo um dia de luto e reflexão; o Sábado Santo é dedicado ao silêncio e à espera pela ressurreição — conhecido também como Sábado de Aleluia; e, por fim, o Domingo de Páscoa, ondeo acontece a celebração maior, comemorando a ressurreição de Cristo, o evento mais importante da fé cristã.

Para os católicos, a Páscoa é também refletida por um período de quarentena espiritual, conhecido como Quaresma, que dura 40 dias, começando na Quarta-feira de Cinzas e terminando no Domingo de Ramos. A Quaresma é um tempo de penitência, oração, jejum e conversão, marcado pelo sentimento de arrependimento e preparação para a grande celebração da Páscoa. Ela reforça valores como o amor, o perdão, a humildade e a busca pela renovação interior, impactando profundamente a vida dos fiéis, que buscam se aproximar de Deus e refletir sobre suas ações. De acordo com o teólogo Leonardo Boff, esse período incentiva uma reflexão sobre a vida e a relação do indivíduo com o divino, promovendo uma renovação do espírito e uma busca por maior fraternidade e compaixão na convivência comunitária (Boff, 1997).

Contudo, na prática cotidiana das famílias brasileiras, especialmente as cristãs, essa celebração ganha diferentes dimensões: uma das tradições mais comuns é o consumo de peixe no almoço de domingo, uma prática que tem origem na Semana Santa, sobretudo na Sexta-feira Santa, dia de jejum e reflexão pelo sacrifício de Jesus. Como a carne vermelha, é considerada um alimento festivo, passa a ser evitada nesse dia como uma forma de sacrifício buscando maior conexão espiritual com o sofrimento de Jesus. Logo, o peixe que simboliza simplicidade, sacrifício e pureza, além de reforçar a conexão com a história bíblica, passa a ser a proteína cosumida nesse período.

Outro momento importante na celebração familiar é a reunião à mesa no domingo de Páscoa, momento em que a família se une para compartilhar uma refeição especial. Esse convívio reforça os laços afetivos e promove valores

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052202, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2202 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

essenciais, como o amor, a perdão e a colaboração, que são pilares do Cristianismo. Durante esse encontro, as famílias muitas vezes praticam gestos de solidariedade, ajudam quem precisa, renovam seus votos de esperança e fé, fortalecendo os vínculos espirituais e afetivos. Além disso, essa ocasião costuma ser marcada por orações, momentos de reflexão e participação nas missas ou vigílias de Páscoa, onde os fiéis celebram a vitória de Cristo sobre a morte e reforçam seu compromisso com os ensinamentos do Evangelho.

Para além dos rituais religiosos, a celebração da Páscoa também envolve uma série de símbolos com significados espirituais profundos. O cordeiro, por exemplo, representa o sacrifício de Jesus pela humanidade, sendo um símbolo do inocente que se entregou por amor. O círio pascal, uma vela acesa na noite de vigília, simboliza a luz de Cristo ressuscitado que vence as trevas. Os ovos e o coelho, embora tenham raízes pagãs, hoje representam fertilidade, renovação e esperança, conectando-se às ideias de nascimento e recomeço. A colomba pascal, pão em forma de pomba, simboliza a paz e o Espírito Santo. Outros símbolos, como as vestes brancas — usadas na Vigília Pascal — representam a vitória sobre a morte, enquanto o sepulcro vazio remete à ressurreição. Além disso, o peixe, símbolo antigo do cristianismo, reforça a conexão com a multiplicação dos pães e peixes, representa renovação e batismo. Os sinos, que tocam anunciando a chegada da Páscoa, simbolizam a vitória sobre a morte e a esperança de uma vida eterna; enquanto o girassol, por sua característica de sempre se orientar para o Sol, simboliza as pessoas devem estar voltados para Cristo, fonte de luz e vida.

Segundo autores como Catesby Leigh, esses símbolos e práticas ajudam a criar uma atmosfera de esperança, reflexão e renovação espiritual, além de reforçar a mensagem de salvação e de vida nova transmitida por essa festividade (Leigh, 2020). Assim, na rotina das famílias brasileiras, a celebração da Páscoa vai além do aspecto religioso, influenciando atitudes de amor, perdão e solidariedade, fortalecendo o convívio e os valores cristãos na convivência diária. Além de promover uma identidade que valoriza tanto a fé quanto os símbolos de renovação. Dessa forma, a Páscoa se configura não apenas como uma data religiosa, mas também como uma oportunidade de renovação pessoal e familiar, de reflexão sobre as virtudes e elavação espiritual. Essas rituais, portanto, presentes na vida cotidiana das famílias, ajudam a consolidar um momento de

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052202, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2202 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

união e de fortalecimento dos vínculos familiares, promovendo uma cultura de paz e esperança que transcende o aspecto ritual e alcança as relações interpessoais.

5. O ritual judaico que mostra a promessa de jesus para a sociedade contemporânea

Não obstante a toda simbologia cristã discutida até aqui, há um ritual judaíco que mostra que Jesus concientemente venceu e tinha intenção de vencer a morte! E por conta disso as famílias cristãs podem se reunir e comemorar o êxito de Cristo sobre a morte, como também vitória futura dos cristãos sobre a morte, conforme a promessa do Messias simbolizada pelo rito judaíco do lenço dobrado.

Em João 20:7 – diz que o lenço que fora colocado sobre a face de Jesus, não foi apenas deixado de lado, como os lençóis no túmulo. A Bíblia reserva um versículo inteiro para dizer que o lenço foi dobrado cuidadosamente e colocado na cabeceira do túmulo de pedra.

> Bem cedo, na manhã de domingo, Maria Madalena foi à tumba e descobriu que a pedra da entrada havia sido removida. Ela correu ao encontro de Simão Pedro e o outro discípulo... aquele que Jesus tanto amara (João) e disse-lhe ela:
> -Tiraram o corpo do Senhor e eu não sei para onde o levaram.
> Pedro e o outro discípulo correram ao túmulo para ver. O outro discípulo passou à frente de Pedro, e lá chegou primeiro. Ele parou e observou os lençóis, mas ele não entrou no túmulo. Simão Pedro chegou e entrou. Ele também notou os lençóis ali deixados ao chão, enquanto que o lenço que cobrira a face de Jesus estava dobrado e colocado em outro lado. (Bíblia, 2023, p.1466)

Esse detalhe é de grande relevância para poder entender a significância do “lenço dobrado”. Contudo, se faz necessário conhecer um pouco a respeito dessa tradição hebraica naquela época: o lenço dobrado tem a ver com o “amo e o servo”.

A tradição do lenço dobrado é bastante conhecida na literatura judaica. Esse comportamento ilustra conceitos de hospitalidade, respeito, bem como sinais de um anfitrião na cultura judaica antiga. O ritual do lenço dobrado é frequentemente citado em livros, artigos e ensinamentos de estudiosos de cultura judaica a exemplo do livro *O Judaismo Livre* de Haim H. Cohn (1980) que discute costumes e tradições judaicas antigas, incluindo histórias relacionadas à

hospitalidade e aos sinais de acordo na cultura judaica de tempos passados. Outra referência relevante é o livro Histórias da Tora de Yehuda Koren e Elihu Wolansky, onde há menções às tradições de hospitalidade, sinais de respeito e costumes antigos. Por fim, essa história também aparece em coleções de ensinamentos culturais, como as encontradas em livros de rabinos e educadores religiosos, como o Talmud ou a Mishná.

Fato é que, naquela época, quando um servo colocava a mesa de jantar para o seu amo, ele buscava ter certeza em fazê-lo exatamente da maneira que seu amo desejava. A mesa era colocada perfeitamente e o servo esperava, fora da visão do amo, até que o mesmo terminasse a refeição. O servo não podia se atrever a tocar na mesa antes que o amo tivesse terminado.

Então, diz a tradição que ao terminar a refeição, o amo se levantava, limpava os dedos, a boca e sua barba, e embolava o lenço e o jogava sobre a mesa. Naquele tempo o lenço embolado queria dizer: “Eu terminei”.

No entanto, se o amo se levantasse e deixasse o lenço dobrado ao lado do prato, o servo jamais ousaria tocar na mesa, porque o lenço dobrado queria dizer: “Eu voltarei!”

O lenço dobrado em João 20:7 comunica à humanidade que Jesus voltará a essa terra para que aqueles que Nele creêm carimbem sua vitória sobre a morte, como Ele próprio o fez. Visto que, nos costumes judaicos tradicionais, o ritual de sepultamento é considerado uma mitzvá (obrigação religiosa) de grande importância. Essa preparação é realizada por um grupo de Shamashim (servos ou voluntários especializados), que lavam o corpo, vestem com roupas simples e mortuárias adequadas, e fazem o sepultamento de forma respeitosa e digna, preferencialmente no mesmo dia da morte, antes do pôr do sol, para cumprir com a lei de não deixar o corpo exposto durante a noite (Lv 21:1-4; Dt 21:23).

Segundo o rabino e especialista em liturgia funerária, Jacob Milgrom, essa prática é uma expressão de respeito e misericórdia para com o falecido, além de seguir as prescrições tradicionais transmitidas na Torá e na Oralidade judaica. A Tahara é uma cerimônia que assegura que o corpo seja tratado com dignidade, destacando a importância do corpo como uma coleção de kavod - glória ou respeito (Milgrom, 2000).

No entanto, no relato bíblico do sepultamento de Jesus, há indicações de que a preparação seguiu um procedimento relativamente rápido. Nos Evangelhos, especialmente em Lucas 23:50-54 e João 19:31-42, é mencionado que José de Arimateia, um discípulo secreto, pediu permissão a Pilatos para retirar o corpo de Jesus e posteriormente envolveu-o em um lençol limpo e o depositou em um túmulo novo. Não há menção explícita à realização do ritual completo de Tahara, incluindo lavagem meticulosa do corpo, que era a prática padrão na tradição judaica.

Devido a isso, alguns estudiosos interpretam essa narrativa indicando que, por conta do contexto de crise e à proximidade da Páscoa, o sepultamento de Jesus foi realizado de forma rápida e simplificada, possivelmente omitindo alguns passos tradicionais, como a tahara, ou talvez tendo sido realizada de maneira informal. Além disso, a rapidez do sepultamento também pode estar relacionada às circunstâncias de injúria e ao clima de urgência que cercaram sua morte.

Certo é que, contrapondo a todas as circunstâncias inusitadas, a morte do messias já havia sido profetizada muito antes Dele nascer em carne, pelos profetas Isaias (700 a.C.) e Daniel (aproximadamente 500 a.C.). Já o livro de Salmos relata que as vestes de Jesus seriam rasgadas, em seguida tirariam a sorte para ver quem ficaria com o tecido. Essa cena, descrita no livro dos Salmos de fato se cumpriu, tal feito foi registrado no Evangelho de Mateus 27:35 "E, havendo-o crucificado, repartiram entre si as suas vestes, lançando sortes; para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: Repartiram entre si as minhas vestes, e sobre a minha túnica lançaram sortes" (Bíblia, 2023, p. 1324). É notória a semelhança entre essa descrição do livro de Salmos e o rito judaíco Kria, no qual a família enlutada rasgas as suas vestes em sinal de dor. A tradição dos judeus de rasgar as vestes em sinal de luto, remonta ao temos bíblicos em que Jacó rasgou suas roupas em sinal de dor por causa da notícia da morte de seu filho José (Gênesis 37:34). Entretanto no caso de Jesus, as roupas rasgadas foram do morto e não da família enlutada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O RITUAL JUDAICO QUE MOSTRA A PROMESSA DE JESUS PARA A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052202, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2202 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

Não obstante toda simbologia cristã discutida até aqui, há um ritual judaico que mostra que Jesus conscientemente venceu e tinha intenção de vencer a morte! E, por conta disso, as famílias cristãs podem se reunir e comemorar o êxito de Cristo sobre a morte, como também vitória futura dos cristãos sobre a morte, conforme a promessa do Messias simbolizada pelo rito judaico do lenço dobrado.

Em João 20:7 – diz que o lenço que fora colocado sobre a face de Jesus, não foi apenas deixado de lado, como os lençóis no túmulo. A Bíblia reserva um versículo inteiro para dizer que o lenço foi dobrado cuidadosamente e colocado na cabeceira do túmulo de pedra.

Bem cedo, na manhã de domingo, Maria Madalena foi à tumba e descobriu que a pedra da entrada havia sido removida. Ela correu ao encontro de Simão Pedro e o outro discípulo… aquele que Jesus tanto amara (João) e disse-lhe ela: “Tiraram o corpo do Senhor e eu não sei para onde o levaram”.

Pedro e o outro discípulo correram ao túmulo para ver. O outro discípulo passou à frente de Pedro, e lá chegou primeiro. Ele parou e observou os lençóis, mas ele não entrou no túmulo. Simão Pedro chegou e entrou. Ele também notou os lençóis ali deixados ao chão, enquanto o lenço que cobrira a face de Jesus estava dobrado e colocado em outro lado. (Bíblia, 2023, p.1466)

Esse detalhe é de grande relevância para poder entender a significância do “lenço dobrado”. Contudo, se faz necessário conhecer um pouco a respeito dessa tradição hebraica naquela época: o lenço dobrado tem a ver com o “amo e o servo”.

A tradição do lenço dobrado é bastante conhecida na literatura judaica. Esse comportamento ilustra conceitos de hospitalidade, respeito, bem como sinais de um anfitrião na cultura judaica antiga. O ritual do lenço dobrado é frequentemente citado em livros, artigos e ensinamentos de estudiosos de cultura judaica a exemplo do livro *O Judaísmo Livre* de Haim H. Cohn (1980) que discute costumes e tradições judaicas antigas, incluindo histórias relacionadas à hospitalidade e aos sinais de acordo na cultura judaica de tempos passados. Outra referência relevante é o livro *Histórias da Tora* de Yehuda Koren e Elihu Wolansky (2005), onde há menções às

Cadernos Macambira - ISSN 2525-6580, Serrinha, Bahia - v.11, n. especial, p. e011052202, 2026.
https://doi.org/10.59033/cm.v11iespecial.2202 - Número especial: Morrer e Amar na (re)criação do viver

tradições de hospitalidade, sinais de respeito e costumes antigos. Por fhim, essa história também aparece em coleções de ensinamentos culturais, como as encontradas em livros de rabinos e educadores religiosos, como o Talmud ou a Mishná.

Fato é que, naquela época, quando um servo colocava a mesa de jantar para o seu amo, ele buscava ter certeza em fazê-lo exatamente da maneira que seu amo desejava. A mesa era colocada perfeitamente e o servo esperava, fora da visão do amo, até que o mesmo terminasse a refeição. O servo não podia se atrever a tocar na mesa antes que o amo tivesse terminado.

Então, diz a tradição que ao terminar a refeição, o amo se levantava, limpava os dedos, a boca e sua barba, e embolava o lenço e o jogava sobre a mesa. Naquele tempo o lenço embolado queria dizer: “Eu terminei”.

No entanto, se o amo se levantasse e deixasse o lenço dobrado ao lado do prato, o servo jamais ousaria tocar na mesa, porque o lenço dobrado queria dizer: “Eu voltarei!”

O lenço dobrado em João 20:7 comunica à humanidade que Jesus voltará a essa terra para que aqueles que Nele creêm carimbem sua vitória sobre a morte, como Ele próprio o fez.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. In: **Bíblia Sagrada**. 3ª Edição. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2023.

BOAS, M. Tradições religiosas e família no Brasil: uma análise antropológica. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 33, n. 99, p. 1-15, 2018.

BOFF, Leonardo. **O Anjo da Ontologia**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BRITANNICA. **Dictionary of Philosophy and Religion**. Disponível em: https://www.britannica.com/topic/shivah?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 30 mai. 2025.

CASELA, José. Costumes e protocolos na cultura judaica antiga. **Revista Judaica Ensino & Cultura**, v. 10, n. 2, p. 45-60, 2015.

COHN, Haim H. **O Judaismo Livre**. São Paulo: Editora Cultura Judaica, 1980.

FERNANDES, Cláudio. **Símbolos da Páscoa.** Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/pascoa/simbolos-pascoa.htm. Acesso em: 14 jun. 2025.

HESCHEL, Abraham Joshua. **The Sabbath**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1951.

IWANOWSKA, Jolanta; RUCIŃSKA, Monika. Death, burial and mourning in Judaism. **Palliative Medicine in Practice**, v. 18, n. 2, p. 75-81, 2024.

JACOBUCCI, Nazaré. **Perdas e luto**. O significado da morte e o processo de luto na visão do judaísmo. In: www.perdaeluto.com. Acesso em: 20 jun. 2025.

KOREN, Yehuda; WOLANSKY, Elihu. **Histórias da Tora**. Rio de Janeiro: Motivo, 2005.

LEIGH, Catesby. **The Meaning of Easter**. Revista Christianity Today, 2020.

LOURENÇO, L. S. A influência das celebrações religiosas na rotina familiar brasileira. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Ciências Sociais**. 2012.

MILGROM, Jacob. **Leviticus 17-22: A New Translation with Introduction and Commentary**. Anchor Yale Bible Commentaries, Yale University Press, 2000.

MISHNAH. **Tradições Orais Judaicas**. Tradução de Jacob Neusner. Rio de Janeiro: Cultura Judaica, 2000.

Ory M. N. The Meaning of Easter: Theology and Celebrations. **Journal of Christian Theological Studies**, v. 26, n. 3, p. 245-262. 2010.

PALMA, Rodrigo. Irtù: **Direito e Humanismo**. Brasília, v. 1, n. 2, jan.-abr. 2011.

RIDOSH, Daniel. Jewish Burial and Mourning Practices. In: **Encyclopaedia Judaica**. Edición digital.

TALMUD. **Trésor de l'histoire du Talmud, publié par Jacob Neusner**. São Paulo: Edições Paulinas, 1988.

TELUSHKIN, Joseph. **Rebuke: What Superheroes, Superegos, and Superstition Tell Us About Judaism**. New York: HarperOne, 2019.

WHITE, James. The Burial Customs of Ancient Israel. **Revista de Estudos Judaicos**, v. 45, p. 12-34, 2010.

WRIGHT, Nicolas Thomas. **The Resurrection of the Son of God**. Minneapolis: Fortress Press, 2003.

WRIGHT, Nicolas Thomas. **Surprised by Hope**: Rethinking Heaven, the Resurrection, and the Mission of the Church. London: SPCK, 2008.